

## VILÉM FLUSSER Literatura Brasileira de Vanguarda?

A "Revista de Cultura Brasileira" impõe, logo no título da pesquisa sobre a literatura brasileira da atualidade, uma limitação severa. O termo "vanguarda", para ser usado significativamente, pressupõe o conhecimento da direção do processo sob estudo. Deve ser, a rigor, aplicado somente a processos encerrados. A literatura brasileira é um processo em desenvolvimento. Não lhe conhecemos a direção, e se a conhecessemos, já estaria a literatura brasileira, por antecipação, esgotada. Pelo contrário, entretanto, a literatura brasileira é um processo explosivo que se expande em muitas direções pelo método da tentativa e do erro, de modo que toda tendência atual seja "vanguarda" para si mesma, e "retaguarda" para todas as demais. "Literatura Brasileira de Vanguarda" é portanto literatura brasileira atual "tout court", e creio ter eliminado, com esta consideração, a limitação imposta pelo título desta pesquisa.

Pretendo, neste trabalho, dirigir a atenção do leitor para a literatura filosófica, um segmento fundamental, embora subdesenvolvido, da literatura brasileira. O prefácio desta publicação fala em "levantamento da realidade" que as letras brasileiras estavam levando a cabo. Mas o que é essa realidade que as letras supostamente levantam? Cabe à especulação filosófica responder a essa pergunta. Cabe portanto a ela fornecer a própria matéria prima à literatura, se é que literatura é mesmo um "levantamento da realidade". E se não o é, se é, pelo contrário, a criação de realidade nova, (conforme creio), cabe à especulação filosófica orientar essa criação e fornecer-lhe as armas teóricas para a sua luta contra o caos. É, com efeito, exatamente este o papel da especulação filosófica no desenvolvimento da literatura europeia ao qual o prefácio desta publicação se refere. A fenomenologia husserliana, por exemplo, é responsável, direta e indiretamente, por muitos daqueles "ismos" que o prefácio chama de anti-realistas, já que Husserl abriu um método para uma nova apreciação da "realidade". A especulação filosófica brasileira não tem cumprido, até agora, o papel que lhe cabe na literatura. Acanhada e acadêmica, tem se limitado, até agora, a certos gestos rituais em torno dos grandes filósofos europeus, e mais especialmente em torno das três ortodoxias do tomismo, do marxismo e do positivismo. A literatura brasileira, muito mais audaciosa, avançou muito além, e vê-se abandonada pelas suas fontes filosóficas, das quais deveria ter brotado. Em consequência, busca a sua justificativa, muitas vezes "post hoc", em filosofias que lhe são parcialmente estranhas. Esta falta de uma autêntica filosofia brasileira como fundamento não somente da literatura, mas da cultura em geral, caracteriza todos os fenômenos intelectuais e artísticos, deixando-os como que pairando no ar sem suporte. O presente trabalho pretende mostrar os primeiros passos do pensamento filosófico em direção da autenticidade.

O VILÉM FLUSSER

Instituto Brasileiro de Filosofia prepara a publicação das obras completas de Vicente Ferreira da Silva. Trata-se de um pensador, (falecido no ano passado), que representa, ~~seu~~ ver, a primeira realização do espírito filosófico autenticamente brasileiro. Embora profundamente influenciado pelo pensamento europeu, e mais especialmente pelo pensamento existencial alemão, era Ferreira da Silva a própria expressão daquilo que chamam, com tanta levandade, de "realidade brasileira". A filosofia europeia serviu, no seu pensamento, de instrumento para a pesquisa dessa realidade. Aliás, a dicotomia Europa:América que o prefácio estabelece é inexistente. A civilização brasileira é uma parte orgânica da ocidental, e o recurso à tradição europeia é tão autêntico no Brasil como na Espanha. A influência de Heidegger sobre Vicente Ferreira da Silva não impede seja Ferreira da Silva tipicamente brasileiro, como não impede a influência de Descartes sobre Heidegger seja Heidegger tipicamente alemão. No pensamento ferreiriano articula-se, pela primeira vez, a tensão dialéctica que informa, sustenta e ameaça a "realidade brasileira", a saber a tensão entre a racionalidade cristã latina e a irracionalidade paga negra. Mostra-nos o pensador, com impiedosa clareza, a linha reta que conduz da subjetividade transcendente, (que é o cristianismo original) para a objetividade imanente, (que ameaça estagnar no tédio da sociedade tecnológica perfeita). E mostra-nos, simultaneamente, a aventura e a festividade de uma vida dentro do mito, de uma vida carneavelscas digamos. A realização irrevogável do projeto cristão, que é a civilização ocidental, traz consigo a sensação do tédio, do nojo existencial, do mergulho no cinzento do cotidiano. A festa paga quebra esse projeto e permite uma redescoberta da sacralidade e do carácter simbólico das coisas da natureza, aspectos do mundo que o racionalismo ocidental encobriu. O Brasil, palco da confrontação dramática entre as duas tendências, é portanto um dos lugares decisivos para a civilização ocidental e para a humanidade.

As conclusões às quais Ferreira da Silva chega são quase inteiramente pessimistas. Escolhi, não obstante, a sua obra como ilustração de uma filosofia geradora de literatura, porque demonstra, mesmo num esboço superficial, as potencialidades de uma literatura brasileira genuína. Num país que oscila entre fenómenos como São Paulo, (extrema realização da tecnologia cinzenta e nojenta), e como o candomblé, (festa extática que sacraliza instintos), abre-se à literatura a possibilidade de criar um novo tipo de civilização a superar tanto o epigonismo ocidental como o primitivismo africano. A uma literatura, bem entendido, que esteja fundada sobre alicerces autênticos, e não empenhada, ("engagée"), em prol de uma realidade pré-concebida.

A obra de Vicente Ferreira da Silva é, em verdade, um esforço isolado. Mas há indícios de uma nova mentalidade filosófica a quebrar as algemas das or-

VILÉM FLUSSER  
todoxias. O curioso desse desenvolvimento é que se desenrola quase à margem das faculdades. A vida universitária alienou-se da realidade intelectual, seja pelo empenho político dos estudantes, seja pelo academismo dos professores. A nova mentalidade filosófica manifesta-se em discussões promovidas por entidades quase-particulares, e a forma literária que assume é o ensaio publicado em revistas. Essas publicações espelham ainda, pela sua temática, o acanhamento que caracterizava o pensamento filosófico até ontem. Consistem, em sua maioria, de críticas de pensamentos alheios. Ou, quando tratam de problemas originais, tratam deles de maneira indireta: não se escreve sobre o problema do outro, mas sobre o problema do outro em Ortega. Mas essa inibição é progressivamente mais formal que essencial, e a temática serve de máscara para pensamentos originais e, às vezes, poderosos. O ensaísta faz de conta que analisa Bergson, quando, na realidade, desenvolve um pensamento original sobre o conhecimento. Assim surge, imperceptivelmente, uma literatura filosófica brasileira, imperceptivelmente: portanto impercebida.

A vivência do pensador filosófico no Brasil é portanto a da angústia do isolamento. Falta-lhe contacto não somente com outros pesquisadores filosóficos, mas ainda com a literatura em geral, em prol da qual a sua atividade se realiza. Mas também esse isolamento está prestes a ser rompido. Uma colaboração consciente entre o pensamento teórico e a atividade literária criadora está surgindo em lugares isolados da cena brasileira, colaboração essa que deverá marcar o amadurecimento da literatura brasileira.

Tentei dizer, no início deste trabalho, que o conceito "vanguarda" é inaplicável à literatura brasileira da atualidade. Tudo que se escreve é de vanguarda. Mas há um significado que permite o uso do termo "vanguarda", embora não seja esse o significado pretendido pelo título desta pesquisa. A literatura filosófica representa, em certo sentido, o passo preparatório para toda atividade literária, cultural, artística consciente de si mesma. Neste sentido toda literatura filosófica é de vanguarda. A modesta atividade filosófica no Brasil, da qual tentei dar um esboço muito superficial, é, neste sentido, a literatura brasileira de vanguarda. Mas, afinal, "vanguarda" é um termo militar e uma vanguarda modesta não exclui um exército poderoso a seguir-lhe os passos. A civilização brasileira, que já alcançou alturas apreciáveis nos campos da música e da pintura, e que mesmo no campo da literatura "sensu lato" tem realizações maduras, não terá encontrado a sua personalidade antes de criar sua literatura "sensu stricto", isto é sua filosofia. E é para a formação dessa vanguarda, formação modesta mas promissora, que o presente trabalho quer chamar a atenção, contribuindo, assim o espera, para que essa formação se realize.